

Radar Agro

Doença de Newcastle em SC

Consultoria Agro Itaú BBA | Outubro de 2026

Resumo

- A confirmação de um foco de **doença de Newcastle em Santa Catarina** reacendeu a atenção do mercado para os riscos sanitários na avicultura brasileira, mas a resposta inicial dos importadores foi mais moderada do que nos episódios recentes.
- O caso foi identificado em uma granja comercial de perus em Nova Itaberaba (SC) por meio da **vigilância ativa do sistema sanitário brasileiro**, sem registro de mortalidade das aves.
- A rápida detecção e atuação das autoridades reforçam a **robustez do sistema brasileiro de monitoramento sanitário**, um dos principais ativos para a manutenção do acesso aos mercados internacionais.
- Diferentemente dos episódios de 2024 e 2025, **a China adotou imediatamente a regionalização das restrições**, limitando as medidas apenas a Santa Catarina.
- **Arábia Saudita e Chile seguiram a mesma estratégia**, enquanto México e Malásia optaram por suspensões de alcance nacional.
- Para o Brasil, o **impacto agregado tende a ser limitado**, já que a maior parte dos estados continua habilitada a exportar para os principais mercados compradores.
- Santa Catarina, porém, apresenta elevada exposição ao comércio internacional, respondendo por **22,5% do volume e 25% da receita das exportações brasileiras de carne de frango.**
- Como cerca de **63% da produção catarinense é destinada ao mercado externo**, a perda temporária de importantes destinos tende a gerar efeitos mais intensos no estado do que no restante do país.
- A comparação com os casos de Anta Gorda (2024) e da gripe aviária no Rio Grande do Sul (2025) mostra que **a normalização comercial costuma ser muito mais lenta que a sanitária.**
- O principal risco não está na contenção do foco atual, mas sim no **tempo necessário para a reabertura dos mercados da China e da Arábia Saudita.**
- Os efeitos econômicos mais imediatos recaem sobre as processadoras e cooperativas catarinenses, que podem enfrentar **aumento de estoques, custos logísticos e pressão sobre o fluxo de caixa.**
- A depender da duração dos bloqueios, no mercado doméstico, o **crescimento da produção e o redirecionamento de parte da oferta podem gerar alguma pressão baixista** sobre os preços do frango.
- Ainda assim, o histórico recente mostra que a **diversificação de mercados e a flexibilidade logística da avicultura brasileira** ajudam a limitar impactos sobre o desempenho exportador do país.
- Em síntese, o episódio representa um **desafio relevante para Santa Catarina, mas de alcance limitado para o Brasil**, desde que não ocorram novos focos e as negociações para reabertura dos mercados avancem nos próximos meses.

1. O que ocorreu

O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) confirmou em 18/10/2026, com anúncio público em 19/10, um foco de doença de Newcastle (DNC), enfermidade viral das aves, em granja comercial de perus de corte em Nova Itaberaba, no Oeste catarinense. Segundo o relatório enviado à Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA), a granja tinha 6.526 aves, com 26 casos e nenhuma morte. A propriedade foi interditada, a movimentação de aves está suspensa, o lote será sacrificado e o local desinfectado, conforme o Plano de Contingência para Influenza Aviária e DNC; o consumo de produtos inspecionados segue seguro. O Mapa declarou emergência zoossanitária por 60 dias em quatro municípios (Nova Itaberaba, Nova Erechim, Coronel Freitas e Águas Frias), área com 133 granjas comerciais de aves num raio de cerca de 10 km. De acordo com a imprensa, o produtor é integrado de uma grande processadora com planta exportadora na região. Um ponto operacional é relevante: a data-base para certificação é 21/09/2026, dia da coleta da amostra, e, conforme o destino, cargas produzidas após essa data não podem ser certificadas.

Reações comerciais anunciadas até 21/10/2026

Mercado	Medida anunciada
China	Suspensão restrita a SC: 14 plantas catarinenses habilitadas suspensas, de 61 no Brasil
Arábia Saudita	Suspensão restrita a SC (carne e produtos cárneos de aves), anunciada em 21/10; 3º maior destino do frango brasileiro, com cerca de 8% dos embarques em jan-set/26
Chile	Restrição apenas a produtos de SC, com lista mais ampla de produtos
México	Suspensão das importações de todo o Brasil (carne de aves, miúdos, material genético, entre outros)
Malásia	Suspensão das importações de todo o Brasil (carne, produtos cárneos e miúdos de aves), anunciada em 21/10; destino de baixo peso (menos de 0,5% dos embarques)
Japão	Tendência de restringir apenas o município afetado
Argentina	Tendência de restringir o raio de 10 km em torno do foco
União Europeia	Suspensão já vigente por motivo distinto (regulamento de antimicrobianos)

2. A relevância de Santa Catarina na avicultura

Santa Catarina é o segundo maior produtor de carne de frango do país, com 1,9 milhão de toneladas em 2025, ou 13,4% da produção nacional de 14,3 milhões de toneladas, atrás do Paraná (34,8%) e à frente do Rio Grande do Sul (9,8%). No comércio exterior, o peso do estado é bem maior: foram 1,2 milhão de toneladas exportadas em 2025, 22,5% do volume embarcado pelo Brasil (5,3 milhões de toneladas), com receita de US$ 2,45 bilhões, 25% do total de US$ 9,8 bilhões.

A participação catarinense nas exportações é quase o dobro da participação na produção, e a fatia na receita (25%) supera a fatia no volume (22,5%), sinal de um mix de maior valor. Entre os três estados do Sul, SC é o mais voltado ao mercado externo: exporta cerca de 63% do que produz, ante 49% no RS, 41% no PR e 37% na média do Brasil. Por isso, o choque atual não se dilui pelo setor como um todo: ele recai sobre a parcela exportadora das plantas catarinenses, que perde destinos e precisa reorganizar vendas no curto prazo. Paraná e Rio Grande do Sul, por sua vez, tendem a absorver parte da demanda que SC deixa de atender.

Carne de frango no Brasil e nos estados do Sul (2025)

	Brasil	SC	RS	PR
Produção de carne de frango (mil t)	14.291 (100%)	1.915 (13,4%)	1.400 (9,8%)	4.973 (34,8%)
Exportações (mil t)	5.324 (100%)	1.200 (22,5%)	686,3 (12,9%)	2.050 (38,5%)
Receita anual das exportações (US$ bi)	9,8 (100%)	2,45 (25,0%)	1,24 (12,7%)	3,53 (36,0%)

3. O paralelo com Anta Gorda (2024) e a gripe aviária no RS (2025)

Os dois episódios mais próximos ocorreram no Rio Grande do Sul. Em julho de 2024, um foco de DNC em Anta Gorda (RS) foi contido rapidamente, sem novos registros, e o Brasil recuperou o status de livre da doença após o período de 90 dias reconhecido pela OMSA. Na ocasião, a autoridade aduaneira chinesa (GACC) bloqueou as importações de todo o Brasil e só 26 dias depois restringiu o embargo ao Rio Grande do Sul.

Em maio de 2025, o primeiro foco de influenza aviária de alta patogenicidade (IAAP) em granja comercial do país, um plantel de matrizes em Montenegro (RS), teve efeito bem mais amplo. A China impôs embargo nacional em 16/05/2025 e cerca de 17 mercados suspenderam preventivamente as compras do Brasil, entre eles União Europeia e Argentina. Embora o país tenha se declarado livre da doença em 18/06/2025, após 28 dias sem novos casos, a China só retirou o embargo nacional em novembro de 2025, quase seis meses depois, e manteve a restrição específica ao RS até 20/01/2026.

O ponto comum aos dois episódios é o descolamento entre a resolução sanitária e a comercial: somados, o RS ficou cerca de 18 meses fora do mercado chinês, de julho de 2024 a janeiro de 2026, muito além dos prazos sanitários. A comparação abaixo mostra que o ponto de partida de 2026 é mais favorável no caso da China, com regionalização imediata, e que a reação dos mercados, até aqui, está longe da observada em 2025. Por outro lado, México e Malásia adotaram embargos nacionais, a Arábia Saudita, terceiro maior destino, aderiu à restrição a SC, e a duração das medidas segue em aberto.

Anta Gorda (2024) x Montenegro (2025) x Nova Itaberaba (2026)

Aspecto	Anta Gorda (RS), jul/2024	Montenegro (RS), mai/2025	Nova Itaberaba (SC), out/2026
Doença e plantel	Doença de Newcastle	Gripe aviária (IAAP H5N1), matrizes (~17 mil aves)	Doença de Newcastle, perus de corte (~6,5 mil aves)
Detecção e evolução	Foco contido rapidamente, sem novos casos	Foco único em granja comercial, aves sacrificadas, sem novos casos	Vigilância ativa em aves assintomáticas, sem mortes
Resposta inicial da China	Embargo nacional, regionalizado ao RS após 26 dias	Embargo nacional, retirado só em nov/25 (~6 meses)	Restrição a SC desde o início (14 de 61 plantas)
Outros mercados	Impacto pontual sobre o total exportado (ago/24)	Cerca de 17 mercados suspenderam compras do Brasil; impacto de mai a ago/25	México e Malásia: todo o Brasil; Arábia Saudita e Chile: apenas SC
Status sanitário	Recuperado após 90 dias (OMSA)	País livre em 18/06/25, após 28 dias	Pleito possível em 90 dias após saneamento, sem novos focos
Duração do embargo chinês ao estado	Jul/24 a jan/26 (~18 meses, somado ao episódio de 2025)	RS liberado em 20/01/26 (~8 meses após o foco)	A definir

4. Pontos positivos: os aprendizados de 2024 e 2025

O sistema de detecção e notificação funcionou. As amostras foram coletadas em 21/09 em aves assintomáticas, dentro da vigilância ativa do Plano Nacional de Vigilância da Influenza Aviária e DNC. A triagem deu positivo em 14/10, a investigação foi imediata e a confirmação saiu em 18/10 no LFDA-SP, laboratório de referência da OMSA, com notificação ao organismo e relatório publicado em 20/10. Identificar o vírus antes do aparecimento de sinais clínicos e sem mortalidade é evidência de vigilância eficaz, diferentemente de 2024, quando houve aves doentes.

A resposta comercial também evoluiu. Em 2024 e 2025, a China partiu de embargos nacionais e só regionalizou depois, em 26 dias no primeiro caso e em quase seis meses no segundo. Agora, regionalizou desde o primeiro momento, resultado de negociação diplomática iniciada em 18/10 e da experiência acumulada nos dois episódios. Na avaliação do Mapa, a auditoria in loco realizada recentemente pelos chineses no sistema sanitário brasileiro deu segurança para a adoção da medida menos restritiva. Com isso, os demais estados seguem exportando normalmente para a China, e Arábia Saudita e Chile adotaram o mesmo critério de restringir apenas SC.

Os episódios anteriores também mostraram a capacidade de adaptação do setor. Em 2024, assim que a China regionalizou o embargo, os embarques de SC para o país voltaram ao patamar normal já em setembro, absorvendo parte da demanda antes atendida pelo RS. Em 2025, mesmo com restrições amplas, as exportações brasileiras retomaram o nível habitual em setembro e o ano terminou com o recorde de 5,3 milhões de toneladas embarcadas. Agora, com o RS novamente habilitado para a China desde janeiro de 2026, o Sul tem mais flexibilidade para redirecionar a origem dos embarques.

Há ainda dois fatores de suporte. O estado de emergência zoossanitária vigente desde maio de 2025 dispensa suplementação orçamentária para o monitoramento, o que agiliza as ações de campo. E a transparência e a rapidez na comunicação preservam a credibilidade sanitária do país junto aos importadores, ativo que pesou nas reaberturas de 2025 e 2026 e tende a pesar novamente nas negociações.

5. Riscos a considerar

Apesar do ponto de partida mais favorável na China, os riscos são relevantes e se concentram em Santa Catarina. Destacamos quatro frentes.

a. Tempo de reabertura da China e da Arábia Saudita

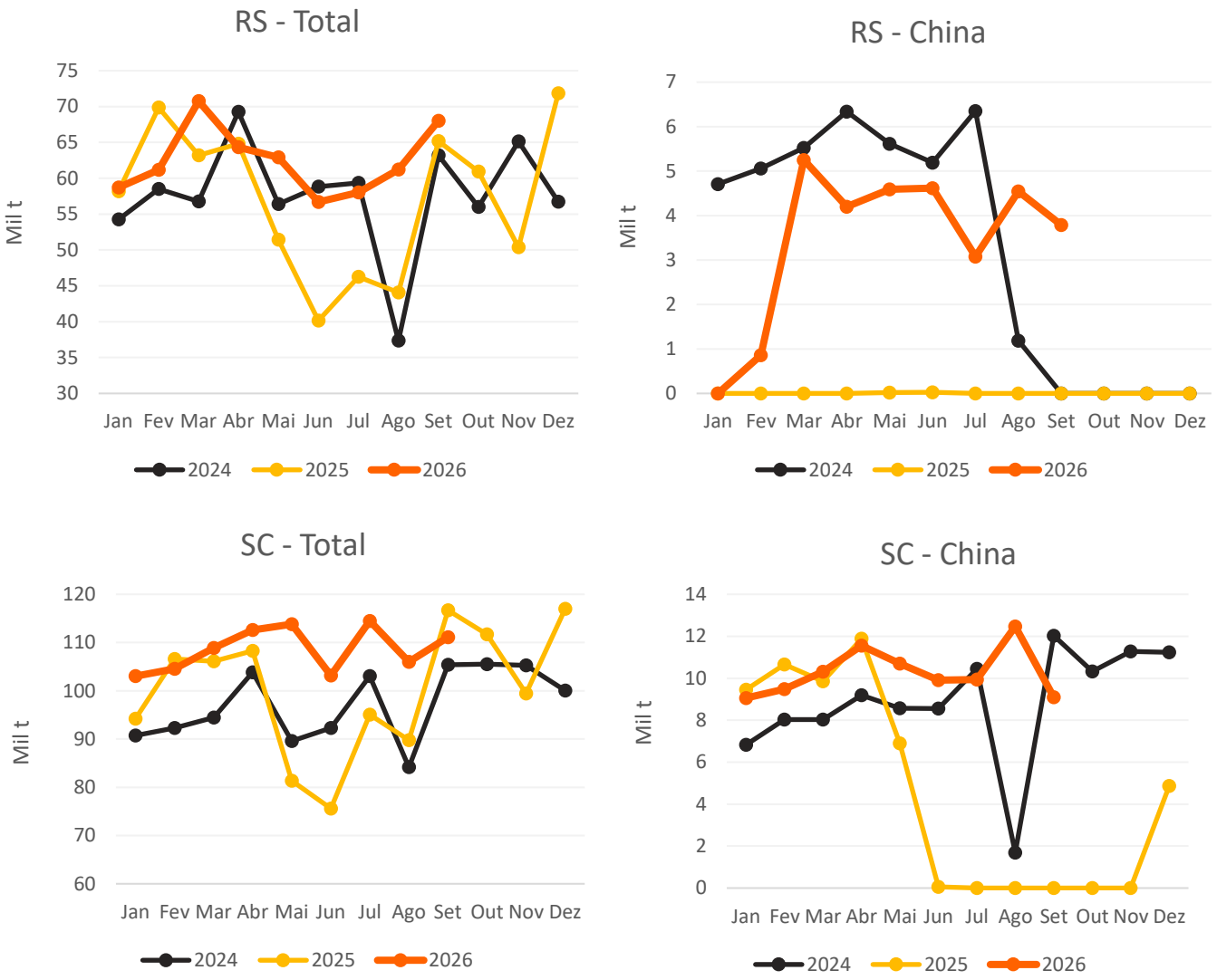
Os precedentes de 2024 e 2025 mostram que o fim do problema sanitário não significa o fim do embargo. Os prazos sanitários, de 90 dias para a DNC junto à OMSA e de 28 dias na gripe aviária de 2025, são condição necessária, mas não suficiente: em 2025, a China levou quase seis meses para retirar o embargo nacional e cerca de oito meses para liberar o RS. Uma restrição prolongada às plantas catarinenses é, portanto, o principal risco deste episódio.

A China respondeu por cerca de 10% das exportações brasileiras de frango entre janeiro e setembro de 2026 e tem peso ainda maior em miúdos e pés, produtos de demanda concentrada e difíceis de redirecionar sem perda de preço. Os gráficos a seguir ilustram a sensibilidade: em 2025, as vendas de SC para a China ficaram praticamente zeradas de junho a novembro, e as do RS, durante todo o ano. Além disso, a China vem ampliando a própria produção e se tornando concorrente do Brasil em terceiros mercados, o que pode reduzir a urgência em reabrir o mercado às plantas de SC.

A adesão da Arábia Saudita amplia a exposição. Terceiro maior destino do frango brasileiro, o país absorveu cerca de 8% dos embarques entre janeiro e setembro de 2026 (327,8 mil toneladas) e é especialmente relevante em frango inteiro, segmento em que foi o segundo maior comprador em 2025. Com China e Arábia Saudita restritas, SC perde de uma só vez dois dos principais destinos da carne de frango brasileira.

Há também o risco de novos focos. O Mapa alertou para a "hipersensibilidade" do sistema, com aumento das notificações de suspeitas. A confirmação de novos casos poderia ampliar a área restrita e adiar o pleito de recuperação do status sanitário junto à OMSA, alongando todo o cronograma de normalização.

Exportações de carne de frango do RS e SC – Total e China



Fonte: Secex

b. México e Malásia: embargos de alcance nacional

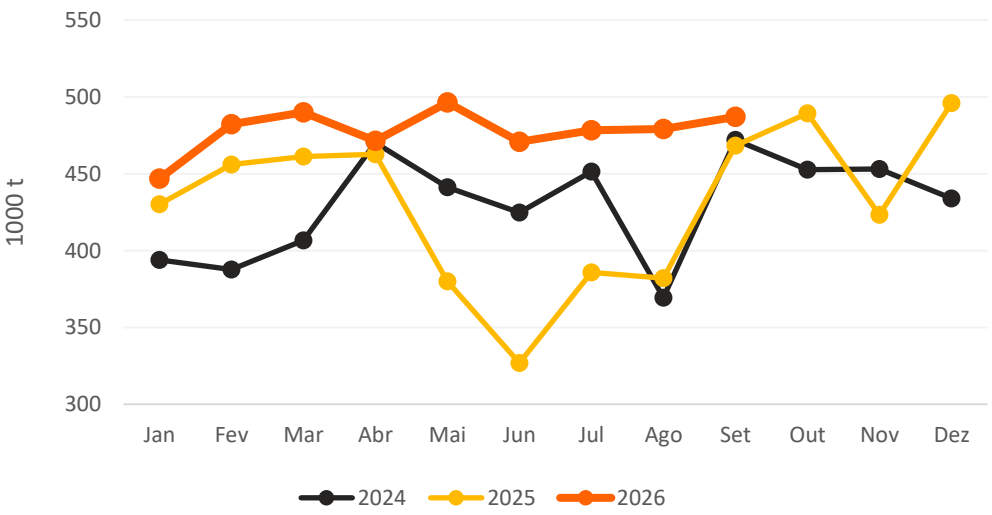
México e Malásia são, até agora, os únicos mercados a suspender compras de todo o Brasil. O México foi o 7º maior destino do frango brasileiro entre janeiro e setembro de 2026, com 171 mil toneladas, cerca de 4% do total exportado; a suspensão abrange também aves vivas, ovos férteis e material genético, e a negociação para regionalizar a medida ainda está no início. A Malásia tem peso pequeno, com menos de 0,5% dos embarques. Enquanto durarem, esses embargos afetam plantas habilitadas de todos os estados, e não apenas as catarinenses.

c. Impacto nacional baixo, regional relevante

Para o Brasil, com China e Arábia Saudita regionalizadas e uma pauta de destinos diversificada, o impacto agregado nas exportações deve ser baixo. O histórico reforça essa leitura. Em 2024, após o caso de DNC em Anta Gorda, a queda do total exportado ficou concentrada em agosto e foi revertida em setembro. Em 2025, com a gripe aviária, os efeitos foram mais intensos e prolongados, de maio a agosto, porque cerca de 17 mercados suspenderam simultaneamente as compras do Brasil, atingindo uma parcela mais relevante do volume, e a retomada das habilitações foi gradual.

O episódio atual se aproxima de 2024 no agregado nacional, mas pode se aproximar de 2025 para Santa Catarina. Em 2025, as exportações totais do estado caíram cerca de 30% entre abril e junho; agora, com dois dos principais destinos restritos ao estado, a perda volta a se concentrar nas plantas catarinenses.

Exportação brasileira de carne de frango



Fonte: Secex

d. Caixa, estoques e cadeia produtiva em SC

Além dos efeitos comerciais diretos, o episódio traz riscos operacionais para a cadeia catarinense. A pressão sobre o fluxo de caixa no curto prazo tende a ser maior para processadoras e cooperativas concentradas em SC: cargas produzidas após 21/09 ficam sem certificação para alguns destinos, o que exige estocagem em câmaras frias, com custos adicionais de armazenagem e logística. Somam-se descontos de preço, o redirecionamento de vendas para mercados de menor valor ou para o mercado interno, eventuais alongamentos nos prazos de recebimento e renegociações de contratos com importadores.

Na ponta da produção, os integrados localizados na área de restrição podem ter o alojamento e a remuneração afetados enquanto durar a emergência zoossanitária, e ajustes no ritmo de abate podem se propagar para a demanda regional por milho e farelo de soja. Esses efeitos tendem a ser temporários, mas ganham intensidade quanto mais longa for a restrição dos principais mercados.

A exposição varia conforme o perfil de cada empresa. Quem tem plantas em outros estados, sobretudo no Paraná, maior exportador do país, e no Rio Grande do Sul, novamente habilitado para a China, consegue redirecionar a origem dos embarques e mitigar parte do efeito, como ocorreu em 2024. Processadoras mais concentradas em SC e produtores integrados ficam mais expostos.

6. Mercado interno: oferta crescente e risco de pressão de preços

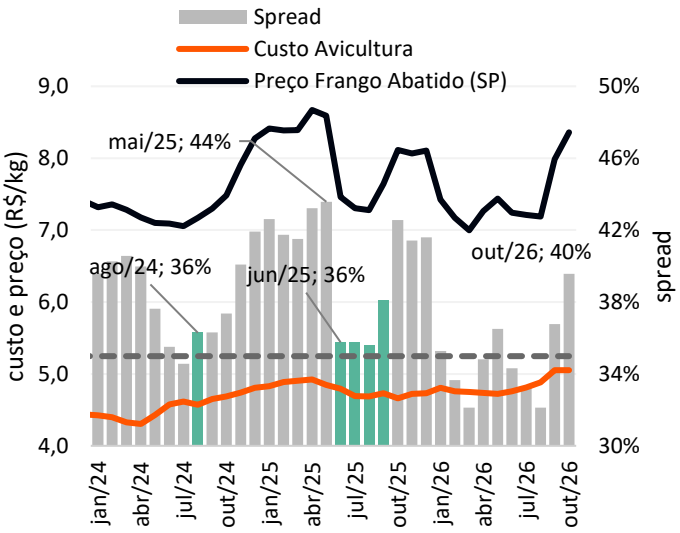
A produção de frango segue em ritmo crescente em 2026. Até setembro, com dados preliminares para o terceiro trimestre, estimamos alta de 3,7% nos abates e de 6,2% na produção de carne sobre janeiro-setembro de 2025. Para o ano, a expansão deve ficar próxima de 6%. Mesmo com o impacto sobre as exportações nos dois últimos meses do ano, o setor deve renovar o recorde de embarques, com alta próxima de 10% sobre 2025, favorecida pela base de comparação fraca, já que as exportações do ano passado foram afetadas pela gripe aviária no RS.

Apesar da oferta crescente, os preços se recuperaram recentemente, apoiados nas boas exportações e na competitividade do frango em relação à carne bovina; mesmo após esse ajuste, a ave segue barata em relação à carcaça dianteira. No curto prazo, porém, a necessidade de direcionar excedentes de SC ao mercado interno pode pressionar os preços, sobretudo após a virada do ano, quando a demanda doméstica costuma desaquecer com o fim do efeito do 13º salário e das festas e com as despesas típicas de início de ano.

Os episódios anteriores ajudam a calibrar esse risco. Em 2024 (DNC em Anta Gorda), apesar da queda das exportações em agosto, os preços da carne não recuaram e o spread no mercado interno (frango abatido no atacado/custo da avicultura) não foi afetado. Em 2025, com impacto maior e mais longo nas exportações, de cerca de quatro meses, os preços perderam sustentação e os spreads, que vinham elevados, cederam por quatro meses. O episódio atual tende a ficar entre os dois: o impacto nacional é menor que o de 2025, mas a restrição de China e Arábia Saudita concentra excedentes em SC e pode pressionar o atacado, sobretudo na região Sul.

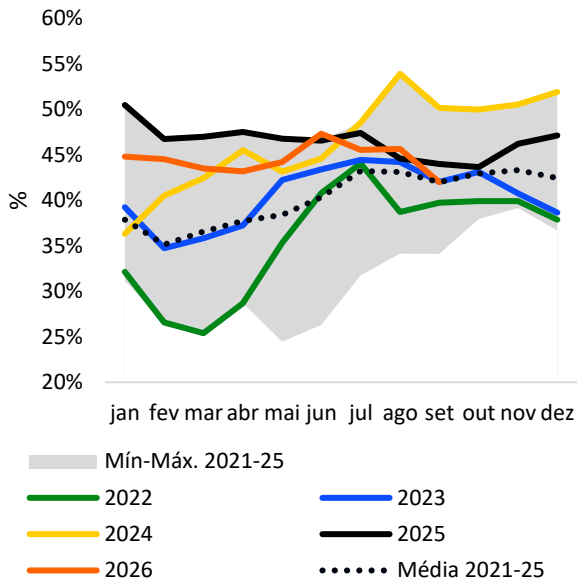
No spread de exportação (preço de exportação da carne de frango in natura em relação ao custo da avicultura), não houve impacto relevante na média nacional em nenhum dos dois episódios. Isso reflete a capacidade do setor de redirecionar volumes entre mercados e a diversificação da pauta de destinos. Ainda assim, a realidade de cada empresa pode ter sido bastante distinta, a depender do perfil de produtos, do mix de mercados, dos contratos comerciais e do grau de exposição aos destinos que adotaram restrições.

Preços de carne de frango, custo da avicultura e spread da venda de carne no mercado interno



Fonte: Embrapa, Cepea, Itaú BBA

Spread de exportação



Fonte: Secex, Bacen, Itaú BBA

7. Conclusão

O foco de Nova Itaberaba é, até aqui, um episódio pontual, detectado precocemente pela vigilância ativa e com resposta comercial mais favorável que a dos precedentes recentes. Diferentemente de 2024 e 2025, a China regionalizou a restrição desde o primeiro dia, e Arábia Saudita e Chile seguiram o mesmo critério; apenas México e Malásia adotaram embargos nacionais. Por isso, o impacto sobre as exportações brasileiras tende a ser baixo e mais próximo do observado em 2024 do que em 2025.

Para Santa Catarina, porém, o choque é relevante. O estado responde por 22,5% do volume e 25% da receita das exportações brasileiras de frango, é o mais voltado ao mercado externo entre os grandes produtores e perdeu acesso simultâneo a dois de seus principais destinos, China e Arábia Saudita. A lição central de 2024 e 2025 é que a normalização comercial não acompanha o calendário sanitário: o RS levou cerca de 18 meses para voltar ao mercado chinês. A duração das restrições, mais do que a extensão do foco, será o principal determinante do impacto. No curto prazo, o risco se concentra em caixa, estoques e prazos de processadoras e integrados mais expostos a SC, e na possível pressão sobre os preços do frango no mercado interno no 1º trimestre de 2027, quando a demanda sazonalmente mais fraca coincide com oferta crescente. Empresas com plantas em outros estados, especialmente no Paraná e no Rio Grande do Sul, têm maior capacidade de mitigação.

Os pontos a acompanhar são: (i) a ausência de novos focos na área sob vigilância; (ii) o cronograma do pleito de recuperação do status sanitário junto à OMSA, possível 90 dias após o saneamento; (iii) as negociações com China e Arábia Saudita para reabertura das plantas catarinenses e com México e Malásia para regionalização; (iv) a reação de outros mercados relevantes, como Japão, Emirados Árabes Unidos e União Europeia; e (v) o comportamento dos preços no atacado e dos spreads a partir de dezembro.

Informações Relevantes

1. *Este material foi desenvolvido e publicado pelo Itaú Unibanco S.A. ("Itaú Unibanco") e não deve ser considerado um relatório de análise para os fins do artigo 1º da Instrução CVM n.º 598, de 3 de maio de 2018 ou como consultoria de valores mobiliários para os fins do artigo 1º da Instrução nº 592, de 17 de novembro de 2017.*

2. *Este material tem objetivo meramente informativo e não constitui e nem deve ser interpretado como sendo uma oferta de compra e/ou venda ou como uma solicitação de uma oferta de compra e/ou venda de qualquer instrumento financeiro, ou de participação em uma determinada estratégia de negócios em qualquer jurisdição. As informações contidas neste documento foram consideradas razoáveis na data em que o relatório foi divulgado e foram obtidas de fontes consideradas confiáveis e passíveis de divulgação. Entretanto, o Itaú Unibanco não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este material também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. O Itaú Unibanco não possui qualquer obrigação de atualizar, modificar ou alterar as informações nele contidas e informar o respectivo leitor.*

3. *Este material não pode ser reproduzido ou redistribuído para qualquer outra pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento por escrito do Itaú Unibanco. O Itaú Unibanco e/ou qualquer outra empresa de seu grupo econômico não se responsabiliza e tampouco se responsabilizará por quaisquer decisões, de investimento ou e outra, que forem tomadas com base nos dados aqui divulgados.*

4. *O Itaú Unibanco não se responsabiliza pelo preenchimento incorreto e/ou impreciso deste material, e nem pelas decisões de gerenciamento que possam ser tomadas com base nos dados e gráficos aqui produzidos. O preenchimento, análise e decisões relativas a este material são de inteira responsabilidade dos clientes e não devem ser interpretados como projeções produzidas pelo Itaú Unibanco.*

Observação Adicional: *Este material não leva em consideração os objetivos, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer cliente em particular. Os clientes precisam obter aconselhamento financeiro, legal, contábil, econômico, de crédito e de mercado individualmente, com base em seus objetivos e características pessoais antes de tomar qualquer decisão fundamentada na informação aqui contida. Ao acessar este material, você reconhece que este contém informações proprietárias e concorda em manter esta informação somente para seu uso exclusivo.*

Acompanhe nossos conteúdos

Escaneie nosso QR Code ou clique nos links abaixo para acessar nossos canais

Faça parte da nossa comunidade no WhatsApp!

Relatórios Recentes

Podcast Prosa Agro

Academia Agro Itaú BBA

Consultoria Agro	Consultoriaagro@itaubba.com
Mesa de clientes	Mesaclientesagro@itaubba.com
Fone	(11) 3708-8130

/ Itaú BBA

